



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



DESENVOLVIMENTO DE CADEIAS DE PRODUÇÃO LOCAIS E SUA INTER-RELAÇÃO COM A ECONOMIA GLOBAL: O CASO DA BANANA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

PAULO RODRIGUES FERNANDES PEREIRA; ANDRE LUIS FUNCKE; LUIZ CARLOS OLIVEIRA LIMA;

UFRRJ

SEROPEDICA - RJ - BRASIL

paulo@brixpace.com.br

APRESENTAÇÃO ORAL

Estrutura, Evolução e Dinâmica dos Sistemas Agroalimentares e Cadeias Agroindustriais

Desenvolvimento de cadeias de produção locais e sua inter-relação com a economia global: O caso da banana no Estado do Rio de Janeiro.

Grupo de Pesquisa: XXXXXXXXXXXXX

Resumo

Um dos pontos importantes que devem ser atendidos por políticas públicas é como integrar o relacionamento de um determinado setor com a economia global, sendo que a questão a ser resolvida é sobre como gerar possibilidades para que o empresário local possa competir em um ambiente globalizado. A integração com o mercado globalizado é uma realidade para todas as cadeias produtivas dos países em desenvolvimento. Mesmo que não haja uma integração formal, as cadeias produtivas vêm, no mínimo sofrendo a concorrência das redes varejistas que constantemente oferecem produtos novos com origens diversas, dentro ou fora do país. Este estudo visa apresentar uma análise da cadeia produtiva da banana no Estado do Rio de Janeiro e sua interação com as cadeias produtivas globais. É importante que o ambiente de análise se estenda às redes globais de produção e distribuição, como forma de avaliar o impacto que uma determinada região produtiva sofre na competitividade dos seus produtos. Quanto maior for a distância entre a organização da produção local e as cadeias produtivas globais, mais importante será a elaboração de um sistema de inovação local efetivo, que inclua iniciativas coletivas privadas, bem como o suporte de organizações públicas.

Palavras-chaves: Desenvolvimento local e global, banana, cadeia de produção.

**SOBER**XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural

Abstract

One of the important issues to be regarded by public policies is how to integrate the relations of a certain sector to the global markets. The matter to be answered is how to create possibilities to the local entrepreneur become competitive in a globalized environment. The integration with global markets is a reality for every product chain at developing countries. Even though there is no formal integration, the local product chains are, at least, suffering the competition of the transnational retail chains that constantly offer products from various origins inside outside the country. This paper aims to present a analysis regarding the banana production chain at Rio de Janeiro State and its interaction with the global product chain. It is important that the analysis environment extends to the global production and distribution network, as a frame to evaluate the impact suffered by the regional production over its product competitiveness. The biggest is the distance between the local production organization and the global product chains, the more important becomes the creation of an effective local innovation system, which includes collective private initiative, as well as good public policies.

Key Words: Local e global development, banana, production chain.

1. INTRODUÇÃO

A história da cultura da banana no Estado do Rio de Janeiro mostra que a banana sempre foi uma cultura com que recebeu atenção secundária, sendo cultivada em áreas de encosta, não ocupadas por culturas como a cana-de-açúcar, café e cítricos, que tradicionalmente ocupavam áreas mais férteis e planas da Região. A produção se caracteriza por pequenas propriedades, de 2 ha a 50 ha, que cultivam a banana e que, apesar da falta de tecnificação, são favorecidas por condições edafoclimáticas apropriadas.

Existem quatro regiões principais onde ocorre a cultura da banana, sendo elas a Bacia do Sepetiba (incluindo os municípios do Rio de Janeiro, Itaguaí, Seropédica, Paracambú), a Bacia da Ilha Grande (incluindo os municípios de Mangaratiba, Angra dos Reis e Parati), a Região Serrana (incluindo o município de Cachoeiras de Macacu e adjacências) e a Região Noroeste (incluindo o Município de Casimiro de Abreu e adjacências).

A cultura da banana hoje é extensiva, com poucos tratamentos culturais, com sistema de colheita, seleção e beneficiamento pouco eficiente. A cultura ocupa áreas de encosta e, por conseguinte, apresenta grandes dificuldades em relação à logística interna. O corte do cacho é feito de maneira inadequada e o transporte da produção realizado em lombo de burro. A inadequação dos tratamentos culturais provoca redução de valor para um produto que necessita de padrão de qualidade bem definido.

A logística externa também é um problema importante porque a distribuição é feita por intermediários sem processo de embalagem adequado e sem o uso de técnicas que possam estender o tempo de prateleira do produto.

Como resultado, produz-se uma banana sem padrão e de baixa qualidade para um mercado muito exigente. Mantidas essas características e a difícil organização de agricultor em associação ou cooperativa, tende a favorecer ao longo dos anos a ação de



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



intermediários que se beneficiam desta situação e dificultam a colocação do produto em grandes redes varejistas ou nichos com maior valor agregado. Esta situação prejudica a existência de mecanismos de coordenação que contribuem para a eficiência econômica e a equidade social (LIMA, 2006).

Como há problemas de coordenação, esta situação favorece a ação isolada dos agricultores, dificulta a implantação de pequenas indústrias e de capacitação profissional, prejudica agregação de valor através de novas tecnologias no plantio e na industrialização da matéria-prima.

Essa banana sofre ainda no mercado atacadista, pesada concorrência da banana com produzida com o uso intensivo de tecnologia, irrigada e altamente produtiva existente nas áreas mais férteis de outros estados, tais como Minas Gerais (Janaúba), São Paulo (Registro), Espírito Santo (Alfredo Chaves) e Santa Catarina.

Do exposto, depreende-se que a situação problema envolve:

- O fato de a banana produzida naquela região não ter qualidade reconhecida pelos compradores, por conseguinte, não agregando valor ao produto; e
- Como este atributo de qualidade não é reconhecido, restringe o desenvolvimento local e regional, em termos de fixação da mão-de-obra e geração de renda, bem como a integração dos produtos derivados da banana na cadeia agroindustrial nacional e internacional.

Assim, as questões relacionadas com a produção de banana no Estado do Rio de Janeiro constituem um enorme desafio para os produtores, pesquisadores e autoridades envolvidas.

Por um lado existem problemas de produtividade e de competitividade que tornam o negócio pouco interessante para o produtor, gerando desinteresse pela lavoura e tornando a cultura cada vez mais extensiva. A falta de atratividade da lavoura da banana no Rio de Janeiro gera um descontrole das áreas plantadas que, por se encontrarem em grande parte em áreas de encosta, tendem a invadir a Mata Atlântica gerando problemas ambientais.

Assim, a atenção aos problemas de cadeia produtiva da banana no Estado do Rio de Janeiro toma uma dupla dimensão, pois, além de tratar o problema organizacional trata também do problema ambiental.

Uma vez caracterizada a problemática de organização e desenvolvimento regional é interessante fazer uma rápida revisão das teorias que envolvem as cadeias agroindustriais a nível mundial para que possamos compreender, principalmente, a sua forma de governança e os impactos que a sua organização possa exercer sobre as questões de desenvolvimento regional.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A análise sistêmica e sua importância para a questão do desenvolvimento

A primeira contribuição teórico-metodológica importante para o estudo de cadeias de fornecimento de produtos agroindustriais é o conceito de Agribusiness por



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



John Davis (1955) e Davis e Goldberg (1957). Posteriormente, Ray Goldberg (1968) desenvolveu o conceito de sistema agroindustrial: “CSA - Commodity System Approach” e “Agribusiness Coordination”.

A definição de Agribusiness considera a “soma total de todas as operações envolvendo a produção e distribuição de suprimentos agrícolas; as operações de produção na fazenda; e o armazenamento, processamento e distribuição de produtos agrícolas e dos itens produzidos com eles” (Davis,1955). Os autores consideraram a interdependência da agricultura com os outros setores da atividade econômica, como o mecanismo adequado, para planejar e formular políticas que lhes sejam mutuamente benéficas e que atendam, com maior eficiência, as metas econômicas (Davis e Goldberg,1957).

Ray Goldberg (1968), em sua versão final, definiu o conceito de sistema agroindustrial (commodity system approach) da seguinte forma: “são todos os participantes envolvidos na produção, processamento e marketing de um produto específico. Inclui o suprimento das fazendas, as fazendas, operações de armazenamento, processamento, atacado e varejo, envolvidos em um fluxo desde a produção de insumos até o consumidor final. Inclui as instituições que afetam e coordenam os estágios sucessivos do fluxo do produto, tais como Governo, associações e mercados futuros”.

Este enfoque dinâmico atribui importância à tecnologia como agente indutor das mudanças econômicas e, procura aplicar conceitos oriundos da organização industrial, que passam a fornecer os principais critérios de análise e de planejamento estratégico. Nos sistemas agro-industriais a governança é exercida por mecanismo ou órgão de coordenação. Tais como: mercado spot, mercado de futuros, programas governamentais, cooperativas, joint ventures, integração vertical, institutos de bancos de dados, associação de empresas e firmas individuais (LIMA,2006).

A segunda contribuição teórico-metodológica importante para o estudo de cadeias agroindustriais, que tem um caráter complementar ao conceito de Agribusiness, é o conceito de Filières, que foi desenvolvido na Escola Francesa de Economia Industrial, onde foram elaborados os seguintes trabalhos: “Les Filières: Methodes D’Analyses et Resultats” e “La Structure et L’evolution du Complexe Agri-industriel”.

Louis Malassis (1968) delimitou operacionalmente o conceito de filière (cadeia agroalimentar) como reunião das indústrias para a agricultura e alimentares com o setor agrícola propriamente dito. Posteriormente, Louis Malassis (1979) fez uma nova classificação de filière (cadeia agroalimentar), do seguinte modo:

- Os subsetores determinados pela categoria de produtos alimentícios que são objeto da atividade econômica;
- Os subsetores classificados pela função realizada: produção, transformação e a distribuição;
- Os subsetores sócio-econômicos: artesanal, capitalista, cooperativo e público.

Na análise de filière a agricultura deixa de ser, por força da industrialização, um setor isolado da economia de qualquer país e se torna parte integrante de um conjunto maior de atividades inter-relacionadas. Ao aumentar sua dependência, de um lado em relação ao forte grupo de indústrias fornecedoras de insumos básicos; e, de outro lado,



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



em relação às grandes indústrias transformadoras e compradoras da maior parte dos produtos agrícolas, a agricultura irá também aumentar seus custos, sem poder compensá-los com uma equivalente lucratividade. Isto também porque, entre outras razões, o mercado que nessa nova etapa se formará para seus produtos será muito menos livremente competitivo e tenderá a ser dominado, mais e mais, por condições de oligopólio (Lima, 2007).

Uma importante contribuição para o conceito de filière foi dada por Morvan (1985), membro da escola francesa de economia da organização industrial, que define filière como “uma seqüência de operações que conduzem à produção de bens, cuja articulação é amplamente influenciada pelas possibilidades tecnológicas e definida pelas estratégias dos agentes”. Estes possuem relações interdependentes e complementares, determinadas pelas forças hierárquicas.

As três séries de elementos implicitamente ligados a uma visão em termos de cadeia de produção são:

- A cadeia de produção é uma sucessão de operações de transformação dissociáveis, capazes de ser separadas e ligadas entre si por um encadeamento técnico;
- A cadeia de produção é também um conjunto de relações comerciais e financeiras que estabelecem, entre todos os estados de transformação, um fluxo de troca, situado de montante a jusante, entre fornecedores e clientes;
- A cadeia de produção é um conjunto de ações econômicas que presidem a valoração dos meios de produção e asseguram a articulação das operações.

Estes elementos deixam clara a inter-relação entre o incremento das cadeias de produção e o desenvolvimento regional onde esta produção se origina

Do ponto de vista de desenvolvimento, cabe destacar que as relações sócio-econômicas entre os agentes num espaço econômico delimitado podem contribuir para o desenvolvimento dos projetos de investimento e da economia local. Os benefícios gerados têm um caráter financeiro e econômico, como resultado das economias de escala e das economias de escopo. Depois que Leontief (1983) formulou a teoria de crescimento induzido pelas relações inter-setoriais, a ciência econômica passou a contar com novos instrumentos que têm contribuído para o desenvolvimento de métodos e técnicas aplicados à economia local e regional.

Para Hirschman (1960), o mecanismo indutor de crescimento depende da capacidade de contágio do investimento na geração de mais investimento. O investimento além de gerar renda e de criar capacidade adicional, tem a propriedade de induzir novos investimentos. O efeito indutor é indireto quando se dá através do crescimento generalizado da economia. O conceito de poder de encadeamento é o critério para decisão de investimento.

Um dos pontos importantes que devem ser atendidos por políticas públicas é como integrar o relacionamento de um determinado setor com a economia global, sendo que a questão a ser resolvida é sobre como gerar possibilidades para que o empresário local possa competir em um ambiente globalizado.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



A integração com o mercado globalizado é uma realidade para todas as cadeias produtivas dos países em desenvolvimento. Mesmo que não haja uma integração formal, as cadeias produtivas vêm, no mínimo, sofrendo a concorrência das redes varejistas que constantemente oferecem produtos novos com origens diversas, dentro ou fora do país.

Conforme citado por Schmitz (2006), ao se integrarem com a economia global a maioria das empresas dos países em desenvolvimento enfrentam o problema de serem entrantes tardios: elas devem realizar uma rápida transição dos padrões e demandas do mercado interno, para padrões de competitividade globais. Um número pequeno de empresas consegue fazer esta transição por conta própria, mas a grande maioria tem grande dificuldade. Permitir que estas empresas possam competir dentro destas condições é uma das preocupações de quem elabora as políticas públicas e requer ampla compreensão dos problemas enfrentados pelos entrantes tardios.

Os segmentos cuja competitividade está defasada em relação à economia global normalmente enfrentam dois problemas centrais: desatualização tecnológica e deficiência de canais de comercialização. O primeiro problema surge do fato da distância das fontes internacionais de tecnologia, especialmente do ciclo produtor-usuário que gera inovação tecnológica. O segundo problema surge da desconexão dos mercados globais, gerando uma dificuldade enorme em acompanhar o conhecimento atualizado de um mercado em constante evolução (Schmitz, 2006).

A influência das redes globais de produção

Com o advento da globalização se desenvolveu um corpo teórico que busca analisar e explicar como funcionam os mecanismos de organização e governança das industriais que se tornaram transnacionais, bem como efeito destas formas de organização no desenvolvimento regional das empresas envolvidas nestes mecanismos.

Coe e Hess (2006) fazem um apanhado destas teorias e citam que podem ser identificadas três linhas de pesquisa principais com padrões inter-relacionados:

- A Global Commodity Chain (GCC), proposta por Gereffi e Korzeniewicz (1994) tem como principal enfoque 'compreender como as indústrias globais estão organizadas, através da identificação de todos os agentes envolvidos na produção e distribuição de uma determinada mercadoria ou serviço e do mapeamento das relações entre estes agentes'. (Bair apud Coe e Hess, 2006)
- A Global Value Chain (GVC), proposta inicialmente por pesquisadores do Institute of Development Studies in Sussex tem como principal enfoque a investigação e identificação das estruturas de governança das deferentes indústrias globais.
- A Global Production Network (GPN) proposta por pesquisadores em Manchester (tais como Henderson et al., 2002; Coe et al, 2004) procura revelar as características com múltiplos agentes e escalas assumidas por sistemas de produção transnacionais, através da interação de noções como poder, valor e regionalismos, abordando em particular questões relacionadas com a compreensão do desenvolvimento regional e da dinâmica de clusters.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



A análise da coordenação da cadeia é substancial, sendo que a mesma pode ser exercida a partir de um núcleo estratégico: (i) novos produtos – a estratégia é dominar a tecnologia e os aspectos de P e D; (ii) produtos em fase de difusão – a estratégia é o controle dos canais de intermediários e (iii) produtos na fase de maturidade – a estratégia é o controle do mercado e dos canais de distribuição.

Humphrey e Schmitz (2002), realizaram uma análise sobre as formas de governança e upgrading em empresas de países em desenvolvimento dentro do ambiente de Global Value Chains (GVC). Entre as tendências apresentadas pelos autores para a forma de governança de cadeias produtivas, duas são de especial interesse para este trabalho:

- O aumento generalizado das estruturas de governança está relacionado com as grandes mudanças no comércio varejista, cuja concentração vem crescendo de forma rápida nos últimos 15 anos. O cenário emergente desta concentração do varejo leva um número cada vez maior de produtores de países em desenvolvimento a aderir a formas contratuais de fornecimento.
- As marcas têm um papel de crescente importância na estratégia das empresas. Os enormes investimentos para criar ou manter marcas são cada vez mais realizados por varejistas que não são responsáveis pela produção das mercadorias. No entanto, a definição de processos e produtos continua parte estratégica da operação de varejistas.

Surge, então, a questão de como as empresas de países em desenvolvimento podem enfrentar este tipo de desafio e, ao mesmo tempo, manter o retorno do trabalho e do capital investidos. Em trabalho sobre como a inserção em “Global Value Chains” (GVC) afeta o “upgrading” de clusters industriais, Humphrey e Schmitz (2002) citam que, conforme sugerido pela literatura da competitividade, a forma mais viável para responder a esta questão é realizar o “upgrade”, fazendo produtos melhores, com maior eficiência e entrar em atividades mais especializadas.

Até os anos 90 a análise de clusters e sua capacidade de trazer desenvolvimento para uma região, têm focado o papel do encadeamento na a geração de vantagem competitiva. A vantagem competitiva estaria relacionada com capacidade das empresas construírem competências com base em fatores locais. Segundo o trabalho de Humphrey e Schmitz (2002), a questão dos encadeamentos continua sendo central para o desenvolvimento local, no entanto, no cenário econômico atual é importante que esta análise tenha ênfase nas cadeias de produção e distribuição globais.

3. METODOLOGIA

Para desenvolver este estudo utilizamos a pesquisa descritiva através da realização da pesquisa documental no tocante às informações do mercado analisado e de uma pesquisa bibliográfica sobre assunto em questão.

Este estudo utiliza a pesquisa descritiva porque algumas variáveis serão levantadas e medidas através de informações disponíveis e da aplicação de questionários para levantamentos de dados primários. Os dados utilizados nesta

**SOBER**XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural

pesquisa serão, basicamente, primários. O método de coleta de dados será do tipo de levantamento (RICHARDSON, 1989).

Para desenvolver este estudo utilizamos a pesquisa documental no tocante às informações do mercado analisado e de uma pesquisa bibliográfica sobre assunto em questão. Como procedimento de pesquisa descritiva foi realizado um estudo de caso sobre a empresa em questão (BECKER, 1993; YIN, 2001).

As principais limitações deste estudo foram o levantamento bibliográfico em eventos direcionados ao campo do agronegócio nos últimos 3 anos. Além disto foram investigados periódicos internacionais na área de estratégia empresarial. Com relação aos dados da análise de caso foram utilizadas informações públicas disponíveis na Internet e em revistas.

4. Análise da cadeia produtiva de banana no Estado do Rio de Janeiro e sua inserção em nível mundial.

A análise da cadeia de produção da banana a nível mundial pode ser iniciada através da identificação dos volumes de produção por país e dos volumes do comércio internacional de banana.

Na da tabela 1 podem ser identificados os maiores produtores mundiais, sendo 5 na Ásia (Índia, China, Filipinas, Indonésia e Tailândia) e 5 nas Américas Central e do Sul (Brasil, Equador, Costa Rica, México e Colômbia).

Tabela 1 – Volumes de produção importação e exportação em 1000 ton

Principais Exportadores	2005	Principais Importadores	2005	Principais produtores	2005
Ecuador	4764,19	United States of America	3824	India	11710
Philippines	1791,43	Germany	1174	Brazil	6703
Costa Rica	1775,52	Japan	1066	China	6669
Colombia	1621,25	Belgium	974	Philippines	6298
Guatemala	1129,48	Russian Federation	863	Ecuador	6118
Belgium	948,55	United Kingdom	837	Indonesia	5117
Honduras	516,36	Italy	565	Costa Rica	2352
United States of America	449,66	Canada	450	Mexico	2250
United Arab Emirates	367,13	Iran, Islamic Rep of	450	Thailand	1864
Panama	352,48	China	429	Colombia	1764
Cameroon	265,46	France	410	Burundi	1538
Germany	264,51	Argentina	302	Viet Nam	1344
Brazil	212,21	Korea, Republic of	254	Guatemala	1070

Fonte: FAO Statistic Division 17/10/2007

No entanto, avaliando os quadros de volumes de importação e exportação da banana na tabela 1, fica claro que os maiores produtores não são, necessariamente, os maiores exportadores como é o caso da Índia, Brasil e China. Os maiores exportadores de banana estão concentrados na América do Sul (Equador e Colômbia) e na América Central (Costa Rica e Guatemala), sendo que na Ásia apenas as Filipinas se destacam com relação à exportação.

Tabela 2 – Consumo aparente e consumo per capita.

**SOBER**XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural

País	2005	
	Consumo Aparente	Consumo per capita
India	11696	10
China	7044	5
Brazil	6491	35
Indonesia	5114	22
Philippines	4507	49
United States of America	3384	11
Mexico	2180	20
Thailand	1827	28
Ecuador	1354	98
Japan	1251	10
Germany	909	11
Russian Federation	850	6
United Kingdom	829	14
Costa Rica	577	140
Italy	458	8
Colombia	149	3
Guatemala	64	4
Bélgica	25	2

Fonte: FAO Statistics Division 17/10/2007.

Como era de se esperar, os maiores importadores são os países desenvolvidos e de clima temperado, alguns deles entre os grandes consumidores (tais como Estados Unidos, Japão, Reino Unido e Alemanha), conforme demonstra o consumo per capita da tabela 2. Um destaque fica com a Bélgica que apresenta grande volume de importação e de exportação, pois se constitui a porta de entrada da banana para a Europa. O segundo destaque fica com a China que, apesar de apresentar o segundo maior consumo aparente do mundo, tem um consumo per capita muito baixo e, em termos de mercado para a exportação, praticamente só é explorado pelas Filipinas.

No entanto, a mesma tabela 2 demonstra que o mundo cadeia produtiva da banana pode ser dividido em dois. O primeiro formado por países com grande consumo, mas sem integração com o mercado global (Índia, Brasil e Indonésia) e o segundo formado por países que, apesar de apresentarem um consumo per capita elevado, não representam um grande mercado em termos absoluto e, portanto, concentram a sua produção para o mercado internacional (Equador, Filipinas, Costa Rica, Colômbia). Esta situação pode ser explicada pela presença de grandes empresas na cadeia de distribuição internacional, que dominam o sistema de cotas vigente e muitos países desenvolvidos.

O passo seguinte é a análise da distribuição da produção da banana dentro do Brasil. Através da tabela 3, podemos observar o destaque dos Estados de São Paulo, Bahia, Santa Catarina e Minas Gerais como maiores produtores. Os maiores índices de produtividade são alcançados pelos estados do Rio Grande do Norte (puxado em especial por uma grande fazenda da Del Monte), Paraná, Santa Catarina e São Paulo. Estes são também estados com grande tradição de produção agrícola integrada à cadeias globais de produção e distribuição.

**SOBER**XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural

Tabela 3 - Produção e rendimento da cultura da banana por estado.

País e Unidades da Federação	Quantidade produzida (t)	Rendimento médio (kg/ha)	Valor (1 000 R\$)
Brasil	6 703 400	13 647	2 355 943
São Paulo	1 178 140	22 355	338 491
Bahia	975 620	13 761	370 354
Santa Catarina	668 003	21 435	163 883
Minas Gerais	550 503	14 613	239 095
Pará	537 900	12 858	149 552
Ceará	363 025	8 618	122 429
Pernambuco	359 432	10 017	139 307
Paraíba	257 447	16 013	105 109
Amazonas	244 767	10 899	85 161
Paraná	229 493	23 301	80 423
Rio Grande do Norte	201 891	30 350	49 445
Espírito Santo	180 207	8 809	59 385
Rio de Janeiro	162 327	6 741	71 988

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Agropecuária, Produção Agrícola Municipal 2005.

Apesar do Rio de Janeiro não estar entre os maiores produtores de banana do país, esta cultura tem grande importância para o Estado. Através da tabela 4 podemos observar que a cultura da banana representa a terceira maior lavoura do Estado do Rio de Janeiro, perdendo apenas para a cana-de-açúcar e para o tomate. No entanto a lavoura de banana apresenta uma particularidade que a torna ainda mais importante para o Estado, pois grande parte é realizada em pequenas propriedades. Estimativas iniciais apontam para um número superior a 1000 produtores de banana no Estado do Rio de Janeiro, o que confere a esta lavoura um grande impacto social, bem como um grande potencial para gerar desenvolvimento regional.

Tabela 4 – Principais lavouras do Estado do Rio de Janeiro

Principais produtos	Quantidade produzida (t)	Rendimento médio (kg/ha)	Valor (1 000 R\$)
Cana-de-açúcar (2)	7 554 495	44 892	178 215
Tomate	209 131	73 379	146 158
Banana	162 327	6 741	71 988
Mandioca (2)	154 707	15 326	50 353
Abacaxi (1) (2)	78 365	29 110	39 846
Café (beneficiado)	15 734	1 142	38 571
Laranja	69 814	13 227	34 461
Coco-da-baía (1)	71 206	13 339	29 733
Tangerina	41 687	19 682	14 107
Limão	34 117	15 465	12 958
Maracujá	15 012	14 269	10 095
Caqui	19 040	29 611	10 058

Fonte: IBGE, PAM 2005.

(1) Quantidade produzida em 1 000 frutos e rendimento médio em frutos por hectare.

**SOBER**XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural

A cidade do Rio de Janeiro e os municípios do Grande Rio constituem um enorme para a banana, no entanto, como podemos observar na tabela 5, apenas 10% da fruta consumida por este mercado é procedente do próprio Estado. A maior parte da banana consumida no Grande Rio vem de Minas Gerais, Espírito Santo e Santa Catarina (somando 80%), de regiões com elevado nível de tecnificação e produtividade.

Tabela 5 – Origem da banana consumida no Grande Rio.

	MG	ES	SC	RJ	SP	BA	Outros	Total	Percentual
Banana Figo		47.440		55.980	7.000			110.420	0,1%
Maça	1.000	396.300		1.900	430.600	11.400		841.200	0,8%
Nanica	869.814	1.750.958	10.626.066	261.404	5.298.744	362.714		19.169.700	19,4%
Ouro		191.100	1.789.260	14.740		8.000		2.003.100	2,0%
Prata	52.282.480	7.797.540		9.734.480	2.657.820	920	1.000.000	73.473.240	74,2%
São Tomé		1.398.960		800				1.399.760	1,4%
Terra		1.398.960		7.080		630.200		2.036.240	2,1%
Total	53.153.294	12.981.258	12.415.326	10.076.384	8.394.164	1.013.234	1.000.000	99.033.660	100,0%
Percentual	54%	13%	13%	10%	8%	1%	1%	100%	

Fonte: CEASA

Dentre os municípios produtores de banana no Estado do Rio de Janeiro destacam-se Mangaratiba, Itaguaí, Macaé, e Cachoeiras de Macacu, que além de grandes produtores constituem-se como centros de distribuição da produção local.

Tabela 6 – Quantidade de banana produzida por município no Estado do rio de Janeiro.

Municípios	2005 (t)	%
Estado do Rio de Janeiro	162 327	100%
Mangaratiba	27 000	17%
Itaguaí	24 000	15%
Macaé	18 810	12%
Cachoeiras de Macacu	8 600	5%
Trajano de Moraes	8 000	5%
Rio Claro	6 300	4%
Parati	4 830	3%
Saquarema	4 650	3%
Silva Jardim	4 560	3%
Seropédica	4 550	3%
Paracambi	4 000	2%
Angra dos Reis	3 944	2%
Rio de Janeiro	3 930	2%
Casimiro de Abreu	3 810	2%

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Agropecuária, Produção Agrícola Municipal 2001-2005.

Para realizar a análise da cadeia produtiva da banana realizamos entrevistas com diversos agentes que compõem a cadeia, sendo representantes de associações de produtores, do poder executivo municipal e estadual, Embrapa, Pesagro, Ministério da Agricultura e Abastecimento e Emater.

Como resultado destas pesquisa destaca-se a elaboração do diagrama apresentado na Figura 1, que descreve a cadeia produtiva da banana no Estado do Rio de Janeiro.

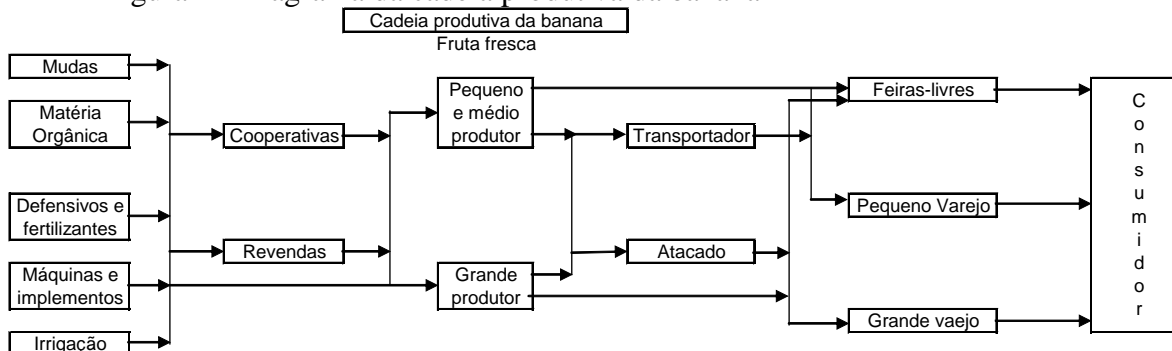


SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



Figura 1 - Diagrama da cadeia produtiva da banana



Fonte: Elaborado pelo autor

Principais variedades de banana encontradas no Estado são a Prata (97%) a Nanica (2%) e outras (1%) e suas quantidade podem ser encontradas na tabela 5.

Em relação à forma de comercialização, os negócios com banana no Brasil são de três tipos:

- Transações com banana verde, em cachos a granel ou em pencas em caixas.
- Transação com banana madura no atacado, em caixas ou em cachos.
- Transação com banana madura no varejo, em dúzias ou por peso.

A distribuição de varejo e atacado se caracteriza pela falta de cuidados na fase de comercialização, que é responsável pela baixa qualidade do produto e por perdas de aproximadamente 40% do total da banana produzida. As perdas são maiores nas Regiões Norte e Noroeste, onde a atividade é menos organizada. As perdas estão assim distribuídas: na lavoura (mais de 5%); no processo de embalagem (mais de 2%); no atacado (6 a 10%); no varejo (10 a 15%); e, no consumidor (5 a 8%).

No processo de comercialização, a etapa do transporte destaca-se como uma das mais importantes. Para evitar perdas e o rebaixamento no padrão de qualidade da fruta, recomenda-se que as mesmas estejam acondicionadas em caixas apropriadas.

Entre as diversas categorias de comerciantes que operam no mercado atacadista de banana, destacam-se: caminhoneiros, atacadistas (inclusive cooperativas), feirantes e distribuidores, sendo alguns com estufas para maturação. Os caminhoneiros geralmente se relacionam diretamente com os produtores na operação de compra, para depois revender o produto, pois raramente possuem instalações para maturação. Os atacadistas localizam-se, geralmente, em mercados terminais ou em armazéns próprios.

O produto climatizado alcança melhores preços no comércio varejista, porém esta tecnologia ainda é pouco utilizada na área produtiva do Rio de Janeiro. Em vista disso, alguns distribuidores têm construído câmaras de maturação e, em pequena escala, fornecem aos varejistas a banana já climatizada. Também os feirantes, num processo de integração vertical, constroem estufas onde procedem a maturação da fruta, em geral, nas próprias residências, executando os serviços e absorvendo as margens de comercialização dos atacadistas.

Quanto ao comércio varejista, o maior percentual é realizado por feirantes, em quase todas as capitais dos municípios. Outros tipos de estabelecimentos que integram a



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



cadeia de comercialização de banana no Rio de Janeiro, com diferentes graus de participação em cada região, são: supermercados, ambulantes, mercearias, quitandas e armazéns/empórios.

Cabe ressaltar que em diversos municípios existem iniciativas isoladas para a elaboração de produtos industrializados, mas que ainda são distribuídos a nível regional, principalmente por falta de escala de produção, adequação a parâmetros de qualidade e acesso a canais de distribuição. Principais produtos processados a partir da banana e da bananeira são:

- Doce de banana
- Banana passa
- Banana chips
- Banana cristalizada
- Farinha de banana
- Palha de banana tecida com fios de algodão
- Artesanato de palha de banana

Quanto a armazenagem, grande parte da banana produzida no Estado do Rio de Janeiro Brasil passa por feiras livres. Os supermercados também são varejistas representativos na comercialização da banana. Assim, a forma de armazenagem depende muito da região e do canal de distribuição. Para Obtenção de um tempo de prateleira mais elevado, devem ser utilizadas câmeras frigoríficas, normalmente presentes em grande atacadistas e nos supermercados. Os produtores raramente dispõem deste tipo de equipamento.

Ao longo das entrevistas procuramos realizar o levantamento das necessidades vislumbradas pelos agentes que compõem a cadeia produtiva da banana, sendo que as principais estão listadas a seguir:

- Necessidade de melhores condições de marketing para a banana em natura e seus derivados.
- Desenvolvimento de uma maior tecnificação da produção.
- Maior presença da agroindústria para gerar interesse dos empresários
- Incentivar a questão de manejo e controle de pragas direcionando para a questão ambiental.
- Fomentar a organização do produtor através dos programas governamentais.
- Organizar e integrar as indústria e dar assistência na qualidade.
- Buscar mercados de nicho tais como, orgânicos, indicação geográfica, artesanato.
- Tratar a questão da qualidade x preço, através da agregação de valor.
- Chamar os atacadistas e os supermercadistas para discutir questões relacionadas com qualidade.
- Explorar possibilidades do mercado internacional para produtos com valor agregado.
- Necessidade de desenvolver a identidade do produto (marcas coletivas, selos de origem, indicação geográfica)
- Estruturação de um sistema de informação



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



- Fomentar a participação integrada dos produtores (multiplicadores e representantes da comunidade)
- Estimular a permanência da família no campo

5. CONCLUSÃO

A cadeia produção de banana no Estado do rio de Janeiro vive um momento de crise. Os principais fatores geradores desta situação são falta de qualidade, falta de inovação tecnológica e desalinhamento com redes de distribuição de alimentos nacionais e transnacionais, gerando a baixa competitividade da fruta em natura e de seus produtos industrializados.

Por outro lado a produção de banana representa um aspecto social importante, pois envolve uma parte relevante da comunidade agrícola do estado e, devido às suas características, apresenta grande potencial de encadeamentos geradores do desenvolvimento local.

A estrutura de organização industrial pode ser bem representada pela teoria dos clusters, apesar do seu descompasso com os mercados locais e globais. A posição de entrante tardio é clara para esta cadeia produtiva o que aponta para grandes desafios que deverão envolver toda a coletividade, incluindo agentes privados e públicos.

É importante ressaltar que o desenvolvimento local e a rápida difusão de conhecimentos dentro de um cluster não são apenas resultado de uma sinergia incidental, mas de um conjunto de políticas envolvendo agentes públicos e privados (Scott apud Humphrey e Schmitz, 2002).

Além disto, é importante que o ambiente de análise se estenda às redes globais de produção e distribuição. Esta situação requer uma análise estratégica profunda e consistente, bem como um grande investimento por parte das empresas locais. Quanto maior for a distância entre a organização da produção local e as cadeias produtivas globais, mais importante será a elaboração de um sistema de inovação local efetivo, que inclua iniciativas coletivas privadas, bem como o suporte de organizações públicas.

5. BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, K.P. O Banco Mundial e o IBAM no desenvolvimento econômico local: propostas, divergências e limites. Revista do Desenvolvimento Econômico, n.12. Salvador, 2005.

BAIR, J. From Commodities Chains to Value Chains and back again. Yale University, Department of Sociology. New Haven, 2005.

COE, N.M.; HESS, M. Global Production Networks: Debates and Challenges. GPERG workshop, Geography, School of Environment and Development, The University of Manchester, Manchester, 2006.

DAVIS, J.H. e GOLDBERG, R.A. A Concept of Agribusiness. Boston, Havard University, 1957.

DAVIS, J.H. e GOLDBERG, R.A. Dolce, J. Análise da conjuntura do agribusiness brasileiro, <http://www.esg.br/dactec/palestras/agri99/agribusiness.html>.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



- FURTADO, C. Teoria e política do desenvolvimento econômico. Editora Paz e Terra. São Paulo, 2000.
- GARCIA, R.; MOTTA, F.G.; NETO, J.A. Uma análise das características da estrutura de governança em sistemas locais de produção e suas relações com a cadeia global. Gestão e Produção, n.11, v.3. São Paulo, 2004.
- GEREFFI, G. and KORZENIEWICZ, M. Commodity chains and global development. Preager. Westport, 2004.
- GEREFFI, G., HUMPHREY, J. and Sturgeon, T. The governance of Global Value Chains. Duke University, 2005.
- GOLDBERG, R.A. Agribusiness Coordination. Boston, Harvard University, 1968.
- HIRSCHMAN, Albert O. Desenvolvimento por efeitos em cadeia - uma abordagem generalizada. In: CARDOSO, F.H. et alli. Economia e Movimentos Sociais na América Latina. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- HIRSCHMAN, Albert O. Estratégia do Desenvolvimento Econômico. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1960.
- HUMPHREY J.; SCHMITZ, H. Developing Country Firms in the World Economy: Governance and Upgrading in Global Value Chains. Institut für Entwicklung und Frieden der Gerhard-Mercator-Universität. Duisburg, 2002.
- HUMPHREY J.; SCHMITZ, H. How does insertion in Global Value Chains affect upgrading in industrial clusters. Institut für Entwicklung und Frieden der Gerhard-Mercator-Universität. Duisburg, 2002.
- LEONTIEF, W. A Economia do Insumo- Produto. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- LIMA, L.C.O. Arranjo produtivo local da banana orgânica. Relatório de Pesquisa, Centro de Pesquisa e Pós-Graduação em Agronegócio, ICHS/DCE. Seropédica, 2006.
- RICHARDSON, Roberto Jarry. Pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1989.
- SCHMITZ, H. Reducing complexity in the industrial Policy Database. Institute of Development Studies. Brighton, 2006.